

"Jesus é real": as três últimas palavras de um moribundo que deram a volta ao mundo



Em 6 de julho de 2024, um pai de família de Cebu, nas Filipinas, publicou no Facebook uma mensagem que acabaria por se espalhar pelo mundo inteiro, circulando durante dois anos no TikTok, no X (antigo Twitter) e em inúmeras páginas evangélicas, antes de ressurgir periodicamente nos feeds das redes sociais. Joel Sia relatou ali os últimos momentos do filho Jonathan, estudante de 23 anos na Universidade de San Carlos, em Cebu, falecido uma semana antes de se formar Magna Cum Laude em Administração de Empresas.

Segundo o relato do pai, amplamente reproduzido desde então, Jonathan havia sido hospitalizado com um distúrbio renal. Intubado à medida que seu estado piorava, teria perdido a capacidade de falar. Em seus últimos instantes, teria feito gestos na direção do pai, como se percebesse uma presença no quarto. Joel Sia teria então lhe entregado uma caneta e papel. Embora muito debilitado e trêmulo, o jovem teria conseguido escrever, de forma perfeitamente legível segundo o pai, três palavras: "Jesus is real" — "Jesus é real". Segundos depois, teria sofrido uma parada cardíaca. A mãe, presente ao seu lado, afirma ter visto uma luz e uma mão erguendo o filho enquanto ele se apagava, com um sorriso no rosto.

Um jovem lembrado por sua fé

Os familiares de Jonathan Sia, citados nas numerosas reproduções do testemunho nas redes sociais, o descrevem como um jovem profundamente religioso desde a infância, apelidado de "guerreiro da oração" por seus próximos, que teria continuado a falar de sua fé à equipe do hospital mesmo do leito. Aluno de destaque, estava prestes a se formar com honras quando sua saúde se deteriorou repentinamente.

É essa trajetória — a promessa de um futuro profissional, a fé professada publicamente e a subitaneidade da doença renal — que alimentou a viralização do relato, elevado a cada nova partilha à categoria de "testemunho" e, para boa parte do público evangélico de língua inglesa e além, de prova empírica da existência de Deus.

Reconstituição da mensagem divulgada pela família

O que se segue é uma reconstituição, a partir das versões coincidentes que circulam publicamente, do testemunho originalmente publicado por Joel Sia nas redes sociais. Não se trata de um documento oficial, mas de uma síntese com fins ilustrativos das declarações relatadas.

"Antes de meu filho Jonathan ser reanimado, ele fez sinais como se estivesse vendo alguém, mas eu não entendia o que ele tentava me dizer. Então dei a ele uma folha de papel e uma caneta para que pudesse escrever. Ele já estava muito fraco, tremendo, mal conseguia segurar a caneta. Ainda assim, antes que as enfermeiras chamassem o código azul, ele conseguiu escrever uma última mensagem: 'Jesus is Real'. Isso me surpreendeu, porque as palavras estavam perfeitamente legíveis. Acredito que ele viu Jesus. Minha esposa Aidy também testemunhou uma luz brilhante e uma mão erguendo nosso filho enquanto ele subia. Ele estava sorrindo."

"Ele já não conseguia mais falar por causa da intubação. Ainda assim, em questão de segundos, traçou três palavras perfeitamente legíveis." — Joel Sia, pai de Jonathan

Lucidez terminal: um fenômeno documentado pela medicina

O caso de Jonathan Sia se enquadra em uma categoria de fenômenos que a literatura médica chama de "lucidez terminal", ou recuperação paradoxal de fim de vida. O psiquiatra alemão Michael Nahm e Bruce Greyson, professor emérito de psiquiatria na Universidade da Virgínia e um dos principais pesquisadores de experiências de quase morte, publicaram vários estudos catalogando casos de pacientes com demência avançada, comas profundos ou agonias prolongadas que recuperam, nas horas que antecedem a morte, uma clareza mental e uma capacidade de comunicação inesperadas diante de seu estado clínico.

Essa retomada permanece pouco explicada do ponto de vista fisiológico. Entre as hipóteses levantadas estão descargas

neurônais terminais, variações bruscas na oxigenação cerebral ou uma redistribuição transitória da atividade cortical no momento da agonia. Nenhuma dessas vias reúne consenso científico, e a raridade do fenômeno — difícil de documentar em tempo real em contexto de terapia intensiva — limita consideravelmente as possibilidades de um estudo clínico rigoroso.

As visões de fim de vida, um campo de estudo próprio

Ao lado da lucidez terminal, as "visões de fim de vida" (end-of-life visions ou deathbed visions) constituem um campo de pesquisa distinto, explorado especialmente pelo neuropsiquiatra britânico Peter Fenwick, autor de estudos sobre as percepções relatadas por pacientes em cuidados paliativos. Esses trabalhos mostram que pacientes em fase terminal relatam com frequência a percepção de presenças, familiares falecidos ou figuras religiosas nas horas que antecedem a morte, independentemente de sua cultura ou crenças anteriores.

As explicações propostas pela comunidade científica baseiam-se principalmente em mecanismos neurológicos: hipóxia cerebral, hipercapnia (acúmulo de dióxido de carbono no sangue), liberação de neurotransmissores como serotonina ou dopamina durante o processo agônico, e atividade residual do córtex visual na ausência de estimulação externa. Esses mecanismos são documentados em diversos contextos clínicos, especialmente em paradas cardíacas, e foram estudados em profundidade pelo cardiologista americano Sam Parnia no âmbito do programa de pesquisa AWARE sobre consciência após parada cardíaca.

O que a análise crítica do relato convida a questionar

Além do enquadramento médico, vários elementos próprios da difusão viral desse testemunho convidam à cautela jornalística. Primeiro, nenhuma fonte primária verificável — prontuário médico, comunicado hospitalar, matéria de imprensa filipina contemporânea aos fatos — pôde ser localizada além das publicações nas redes sociais e de suas sucessivas reproduções. O relato se apoia inteiramente no testemunho do pai, transmitido em segunda ou terceira mão por contas de cunho religioso com finalidade edificante, um formato que favorece estruturalmente a homogeneização e o embelezamento do relato à medida que se propaga.

Em segundo lugar, as versões do testemunho registradas ao longo de sua difusão apresentam variações pequenas, mas notáveis: a natureza exata do distúrbio renal, a formulação precisa das palavras do pai, ou ainda a descrição da "mão" percebida pela mãe diferem de uma reprodução para outra — sinal clássico de um relato oral ou semioral que se sedimenta e se dramatiza a cada nova transmissão, fenômeno bem conhecido dos folcloristas como efeito de cadeia narrativa.

Por fim, no plano clínico, a capacidade motora fina necessária para traçar três palavras legíveis em um paciente intubado, sedado e em falência multiorgânica terminal continua sendo um evento raro, mas não impossível: ela coincide precisamente com a definição clínica de lucidez terminal mencionada acima, sem que isso constitua, por si só, prova da natureza da experiência subjetiva do paciente naquele instante.

Um fenômeno que ultrapassa o quadro religioso

Vale notar que esse tipo de testemunho não é exclusivo do cristianismo evangélico. Pesquisadores como o psicólogo islandês Erlendur Haraldsson ou o antropólogo americano Karlis Osis documentaram visões de fim de vida semelhantes em pacientes hindus, budistas ou sem religião, cada um percebendo figuras condizentes com seu próprio universo simbólico e cultural — um elemento que os defensores de uma explicação neurológica universal usam a seu favor, e que os defensores de uma explicação transcendente interpretam, ao contrário, como a prova de uma experiência autêntica simplesmente traduzida na linguagem própria de cada cultura.

Conclusão: entre neurologia e transcendência

O caso de Jonathan Sia ilustra a dificuldade persistente em decidir, no estado atual do conhecimento, entre uma

explicação estritamente neurofisiológica dos fenômenos de fim de vida e a interpretação transcendente defendida pelas famílias e comunidades religiosas envolvidas. Nem a medicina nem a parapsicologia acadêmica dispõem hoje de um quadro explicativo definitivo para esse tipo de episódio, documentado há séculos em todas as culturas, mas cujo estudo científico rigoroso permanece, por sua própria natureza, dificultado pelo caráter único, imprevisível e não reprodutível de cada caso.

Seita / Religião - 4 septembre 2026 - Wakonda - CC BY 2.5